



RESENHA

O crepúsculo do contemporâneo

O crepúsculo do contemporâneo

Matheus Rodrigues

Gonçalves¹

orcid.org/0000-0003-1322-9704

matheus.goncalves.001@acad.pucrs.br

pucrs.br

Recebido em: 24/04/2020.

Aprovado em: 16/12/2020.

Publicado em: 9/6/2021.

COSTA, Paula Cristina. *O crepúsculo do contemporâneo*. 1. ed. Lisboa: Nova Vega, 2020.

Em um momento no qual as pessoas do mundo todo precisam estar isoladas em suas casas para conter a ameaça de uma pandemia, e em que estudiosos da área das humanidades já especulam quais serão as consequências deste momento para os rumos da história global, um estudo literário cujo título é *O crepúsculo do contemporâneo* parece carregar em si certo valor premonitório. O breve estudo que traz esse significativo título, de autoria da professora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, Paula Cristina Costa,² foi publicado no primeiro semestre do ano de 2020 pela editora Nova Vega, e faz parte da coleção Passagens, que ademais do estudo de Costa, também conta com títulos de Diderot, Deleuze, Habermas, Zambrano e outros estudiosos e estudiosas das humanidades.

Talvez o primeiro ponto da obra a ser comentado seja exatamente aquele que salta aos olhos do leitor, uma vez que o livro traz em sua capa uma reprodução de *La lecture*, de Renoir. A pintura apresenta a figura de duas mulheres de diferentes gerações, mas de feições e trajes similares, que se debruçam sobre um mesmo texto. Na capa, o gesto das duas mulheres parece suscitar uma possível metáfora da contemporaneidade como uma rede de cumplicidades que ultrapassa os limites do tempo e que se encontram sobre um mesmo ponto: o texto — ideia trabalhada pela autora nas 128 páginas do estudo. Porém, poderíamos dizer também que essa reprodução funciona ainda como uma prévia da capacidade de Paula Cristina Costa em introduzir diversas roupagens ao contemporâneo advindas de elementos de outras artes, como o cinema, a dança e as artes plásticas, o que colabora para ilustrar e enriquecer os seus diálogos.

O livro está dividido em onze capítulos breves nos quais a autora reflete sobre as questões teóricas que envolvem o conceito de contemporaneidade e nos quais evoca poetas portugueses de diferentes tempos como exemplos para aquilo que ela propõe explicitar em seu estudo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Paula Cristina Costa é professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A linha de pesquisa que vem desenvolvendo aborda as noções do contemporâneo na Literatura e nas outras artes. O livro aqui resenhado está dedicado aos seus alunos.

O livro abre com o prefácio intitulado "Só para Coetâneos Contemporâneos nossos", de autoria do professor da Universitat de les Illes Balears, Perfecto Cuadrado Fernández,³ no qual discorre brevemente sobre os temas a serem tratados no estudo de Costa. Em seguida, um pequeno texto como uma nota de abertura parece querer situar o leitor nas reflexões em que irá adentrar, nele a autora toma emprestadas três perguntas e respostas formuladas pelo cineasta Jean-Luc Godard em *Histoire(s) du Cinema*, para aplicá-las ao âmbito da literatura e do contemporâneo.⁴

O primeiro capítulo, intitulado "Ser ou não contemporâneo", inicia o debate baseando-se nas noções de *contemporâneo* e *coetâneo* como propostas pelo filósofo espanhol Ortega Y Gasset. Assim, Costa aplica essas noções de contemporaneidade e coetaneidade ao cotidiano do leitor, como ao dizer que nem todas as pessoas com quem cruzamos diariamente são nossas contemporâneas, mas sim coetâneas, uma vez que dividem conosco o tempo real, mas não o tempo íntimo. A reflexão logo migra para o campo da história da arte, no qual aplica os conceitos já citados, de Ortega y Gasset, às obras de pintores como Goya e Bosch, a fim de compreender o local e o sentimento estético de algumas obras na história e seus diálogos com movimentos posteriores.

O segundo capítulo, intitulado "Contemporâneos e coetâneos, aprofunda-se na perspectiva de Ortega y Gasset, mas, dessa vez, agregando as noções de tempo e memória como aquelas trabalhadas por autores como Jacques Rancière e Didi-Huberman, e ainda nas reflexões de Alain Badiou em *A idade dos poetas*. A partir dessas reflexões, Costa assegura ao leitor de que a literatura se faz contemporânea não a partir do tempo de sua circulação, mas sim a partir de afinidades entre textos, independentemente da temporalidade. Ao final do capítulo, manifesta a intenção em analisar poemas de Cesário Verde,

Fernando Pessoa e Sophia de Mello Andresen a fim de explicitar a ideia de que a contemporaneidade diz muito mais respeito ao *íntimo* do que simplesmente ao *histórico*.

O terceiro capítulo, intitulado "O contemporâneo: entre o actual e o inactual, um encontro de tempos", portanto, surge como uma forma de agregar aquilo que foi refletido até então para que o leitor possa seguir para a análise literária. Nesse capítulo, Costa traz as contribuições de Giorgio Agambem, em *O que é o contemporâneo?* para situar as noções de contemporaneidade e de sujeito contemporâneo a partir dos conceitos de *afastamento* e *aproximação*, nos quais o *afastamento* diria respeito à necessidade do sujeito contemporâneo em se afastar da ação do tempo presente para poder compreendê-lo melhor, e a *aproximação* à necessidade de não ignorar ou fugir integralmente desse mesmo tempo.

O quarto capítulo, intitulado "Cesário Verde: poeta simultaneamente dentro e fora do seu tempo", é aquele em que a autora tece uma espécie de *cartão de visitas* do poeta português Cesário Verde. O pequeno capítulo apresenta um Cesário difícil de categorizar em movimentos literários da história da literatura devido a diversos fatores. Porém, longe de ser um problema, Costa nos mostra como a inexactidão estética de Cesário faz do autor um sujeito contemporâneo por excelência, uma vez que está em diálogo constante com diferentes gerações de leitores.

O quinto capítulo, intitulado, "Análise do poema: «Contrariedades» – o encontro e o confronto entre dois tempos", como o próprio título aponta, trata-se de uma análise do poema "Contrariedades",⁵ de Cesário Verde, a fim de verificar o potencial de contemporaneidade da poética de Cesário. O capítulo abre com uma breve informação acerca do poema e logo segue para a análise poética, na qual a autora examina palavras e imagens a fim de situar os sentimentos do eu-lírico em um "eterno

³ O professor é catedrático de filologia galega e portuguesa na UIB, no ano de 2004 obteve o prêmio de tradução Giovanni Pontiero por sua tradução de *O livro do desassossego*, de Fernando Pessoa.

⁴ As perguntas e respostas, originalmente, "Qu'est-ce que le cinema? Rien. Que veut-il? Tout. Que peut-il? Quelque chose", logo transformam-se em "O que é a literatura? Nada. O que ela pode/consegue? Qualquer coisa" e ainda em "O que é o contemporâneo? Nada. O que é que ele deseja? Tudo. O que é que ele consegue? Qualquer coisa".

⁵ O texto não acompanha a reprodução dos poemas dos autores trabalhados, mas insere aqueles versos que se destacam para a proposta do estudo.

presente.”⁶ O subcapítulo “O encontro e o confronto entre o poeta e os outros”, vem para dar o nó entre teoria e análise quando a autora destaca os pontos que fazem do poema de Cesário uma espécie de choque entre o tempo íntimo do poeta angustiado e o de seus coetâneos, alheios a tudo. O subcapítulo seguinte “Cesário e Pessoa: «Contrariedades» versus «Tabacaria»”, propõe a leitura comparada entre o universo dos versos de Cesário e de Pessoa. O capítulo trata também das influências de Cesário para a poética de Pessoa, traçando um breve panorama dessas influências na obra de Pessoa. Ao comparar “Contrariedades” (1876) e “Tabacaria” (1928), Costa elenca uma série de semelhanças imagéticas e sentimentais entre os dois eu-líricos.

O sexto capítulo, “Cesário e Sophia: um mesmo olhar”, segue na comparação de Cesário com outros poetas de sua terra ao buscar e equiparar uma noção de *olhar* que permeia a poética de Cesário e Sophia. Para Costa, uma *experiência do olhar* é o ponto no qual estas duas poéticas se encontram e torna isso visível ao leitor por meio do subcapítulo “Análise do poema «Noturno da Graça»”, no qual, ao analisar esse poema de Sophia e suas diferentes imagens e cenários lisboetas, logo as compara àquelas mesmas imagens e cenários outrora vistos e descritos por Cesário, autenticando, assim, a ressonância de Cesário no fazer poético de Sophia através do olhar. Aqui é discutida também a presença da imagem do *emparedamento* nos versos de ambos os poetas, somando ainda o poeta Cesariny à discussão, e comentando o significado dessa imagem no contexto de modernidade e vida urbana.

O sétimo capítulo, “Cesário, contemporâneo?” inicia retomando a história das influências de Cesário Verde ao longo do tempo, estimulando assim uma reflexão sobre a permanência do escritor na memória daqueles autores que vieram depois. A autora, mais uma vez, insere Cesário Verde como

contemporâneo, baseando-se em Agambem, e afirma que a questão da contemporaneidade está naquilo que seria um *devir* contemporâneo e não a simples inatividade do autor no tempo presente. Para Costa, “um texto não é, à partida, contemporâneo, ele torna-se ou não contemporâneo pela sua capacidade prospectiva que, a existir, em qualquer tempo será reactivada”.⁷

No capítulo oito, intitulado “Mário de Sá-Carneiro, outro exemplo de uma poética fora do tempo”, a autora começa por tentar localizar Mário de Sá nos rumos estéticos da modernidade da época em que produziu, reflete sobre a obra de Sá-Carneiro e seu estado de “sem tempo, numa permanente *intempestividade*”⁸ que lhe garante o potencial de contemporaneidade a outros leitores e autores de gerações vindouras. É comentada também a relação próxima do poeta com Fernando Pessoa e que viveram juntos “a plena criação do modernismo português”,⁹ bem como as influências artísticas advindas das trocas de correspondências entre ambos os autores. Discute também aquilo que seria um *devir* contemporâneo de Sá-Carneiro a partir de suas miradas para o tempo presente, a partir dos rumos das vanguardas e das “*modas parisienses*”,¹⁰ mas também a partir de suas miradas ao passado, como apontariam certas influências do poeta renascentista Sá de Miranda.¹¹

O nono capítulo, “A idade dos poetas”, como o próprio título sugere, trabalha com as reflexões de Alain Badiou em seu estudo homônimo para mais uma vez assegurar as diferenças entre o *tempo histórico* e o *tempo íntimo* na construção do sujeito contemporâneo, mas aqui pautada especialmente na diferença entre o *tempo histórico* e o *tempo filosófico*, como pretendido por Badiou. A isso, a autora acrescenta que o contemporâneo é “um tempo íntimo, de partilha de textos e autores, mais do que a data de publi-

⁶ COSTA, Paula Cristina. *O crepúsculo do contemporâneo*. Lisboa: Nova Vega, 2020. p. 43

⁷ *Ibid.*, p. 66.

⁸ *Ibid.*, p. 71.

⁹ *Ibid.*, p. 71.

¹⁰ *Ibid.*, p. 73.

¹¹ Nesse ponto, a autora traz ao texto uma montagem intertextual entre o poema “Eu não sou eu nem sou o outro”, de Sá-Carneiro e o poema “Comigo me desavim”, de Sá de Miranda, feita pelo poeta surrealista português Alexandre O’Neill.

cação de um texto ou a data de nascimento de um determinado autor".¹² Essa evocação teórica logo serve como ponto para debater os diálogos entre "poetas cronologicamente pertencentes à *literatura portuguesa contemporânea*".¹³

O capítulo seguinte, "Ainda o contemporâneo: Nada. Tudo. Qualquer coisa", vem para iniciar o desfecho do estudo, uma vez que nele é retomado o jogo de perguntas e respostas de Godard que foram apresentadas ao leitor ainda nas reflexões de abertura. Aqui, Costa, mais uma vez, utiliza de outras artes para tentar explicar o contemporâneo, desta vez valendo-se do filme *Shall we dance* (2004) para ilustrar aquilo que seria, na sua visão trabalhada até o momento, um contemporâneo que segue uma dança a dois e que, por ser a dois, é também sempre "uma chamada do outro".¹⁴

O décimo e último capítulo, que leva o nome do estudo, "O crepúsculo do contemporâneo", é uma breve e forte reflexão sobre tudo aquilo que foi discutido ao longo do trabalho. É um capítulo de miradas poéticas, no qual mais uma vez são evocadas noções advindas de outras artes para ilustrar o intento de definir o contemporâneo e o seu *modus*. Aqui evoca também o heterônimo pessoano Bernardo Soares para quem "o crepúsculo, a queda do dia, seria apenas o retornar da noite anterior, de muitas outras noites anteriores, como uma totalidade e não como uma separação",¹⁵ para que mais uma vez possa ser entendida a noção de contemporâneo como dotada de um poder de ir e voltar, estar e não estar, de se aproximar e de se afastar. O livro encerra com a frase dita por Paulina, professora de dança interpretada por Jennifer Lopez no filme *Shall we dance*, a frase "Be this alive. Be this alive, tomorrow!" é aqui atribuída ao contemporâneo, que estaria sempre à espera de um outro para dançar o tango.

Não haveria outra forma de tratar deste estudo de Paula Cristina Costa sem trazer à reflexão o atual momento em que estamos vivendo, momento este em que a contemporaneidade parece

estar parada, estática e apreensiva, e no qual é necessário que olhemos para trás, para velhos hábitos e costumes, mas sem deixar de olhar para o agora em prol do que virá em seguida. O isolamento e distanciamento social que muitas pessoas enfrentam neste ano de 2020 é, em certa medida, um distanciamento social do contemporâneo, um convite para dançar o tango, para *estar* e não *estar*, para abraçar o *dever* da contemporaneidade nem que seja por alguns instantes.

Em um momento em que editoras, colunas culturais e *sites* de entretenimento listam obras literárias e cinematográficas para serem consumidas durante a quarentena, obras como *El amor en los tiempos del cólera*, de García Marques; *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago; e *La peste*, de Camus, um estudo como *O crepúsculo do contemporâneo*, de Costa, vem para nos munir com as reflexões e teorias necessárias para quando formos buscar reconhecer no céu do dia de hoje, os rastros do crepúsculo de ontem.

Referências

COSTA, Paula Cristina. *O crepúsculo do contemporâneo*. 1. ed. Lisboa: Nova Vega, 2020.

Matheus Rodrigues Gonçalves

Mestrando em Teoria da Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Matheus Rodrigues Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 8, 4º andar, sala 403
Partenon, 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

¹² Ibid., p. 79.

¹³ Ibid., p. 80.

¹⁴ Ibid., p. 92.

¹⁵ Ibid., p. 98.